

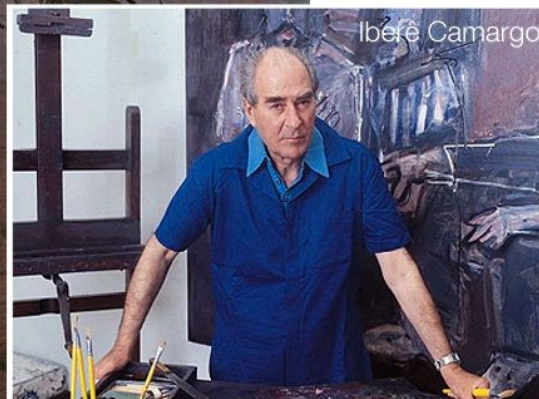
IBERÊ CAMARGO

POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI





A idiota, 1991



Iberê Camargo

O ano de 2014 marca o centenário do pintor Iberê Camargo, um dos grandes nomes da arte brasileira do século 20, que nunca se filiou a correntes ou movimentos mas exerceu forte liderança no meio artístico e intelectual brasileiro.

Nascido em Restinga Seca, interior do Rio Grande do Sul, Iberê manifestou interesse pela arte desde muito cedo. Aos quatro anos passava horas a fio a desenhar e já aos 14 anos iniciou sua educação artística. Com 22 anos mudou-se para Porto Alegre, estudou no curso técnico de arquitetura do Instituto de Belas Artes e conheceu Maria Coussirat, que três anos depois se tornaria sua esposa e companheira da vida inteira.

No início o artista retratava paisagens, pessoas e naturezas-mortas. Sua infância e as lembranças de sua cidade natal foram elementos marcantes nas primeiras obras de sua carreira. Mas sua forma de pintar já era bastante espontânea; traçava as figuras com gestos fortes sobre a massa espessa de tinta, destoando do ambiente artístico acadêmico do Rio Grande do Sul da época. Buscando ampliar seus horizontes pleiteou e ganhou bolsa do governo gaúcho para estudar no Rio de Janeiro, para onde se mudou com Maria em 1942 e onde viveram por 40 anos. Logo conheceu Portinari, Djanira, Milton Dacosta e Maria Leontina. Ingressou na Escola Nacional de Belas Artes mas não se satisfaz com o academicismo e abandonou o curso. Por indicação de Portinari passou a assistir às aulas de desenho de Guignard, que foi uma de suas principais referências.



Sem título, 1992



Recebeu um prêmio de viagem ao exterior que lhe possibilitou viver na Europa entre 1948 e 1950 e estudou com mestres como o pintor metafísico Giorgio de Chirico (Roma) e André Lhote (Paris). Aproveitou a temporada para conhecer os acervos dos principais museus e se aprofundar nas obras de grandes artistas.

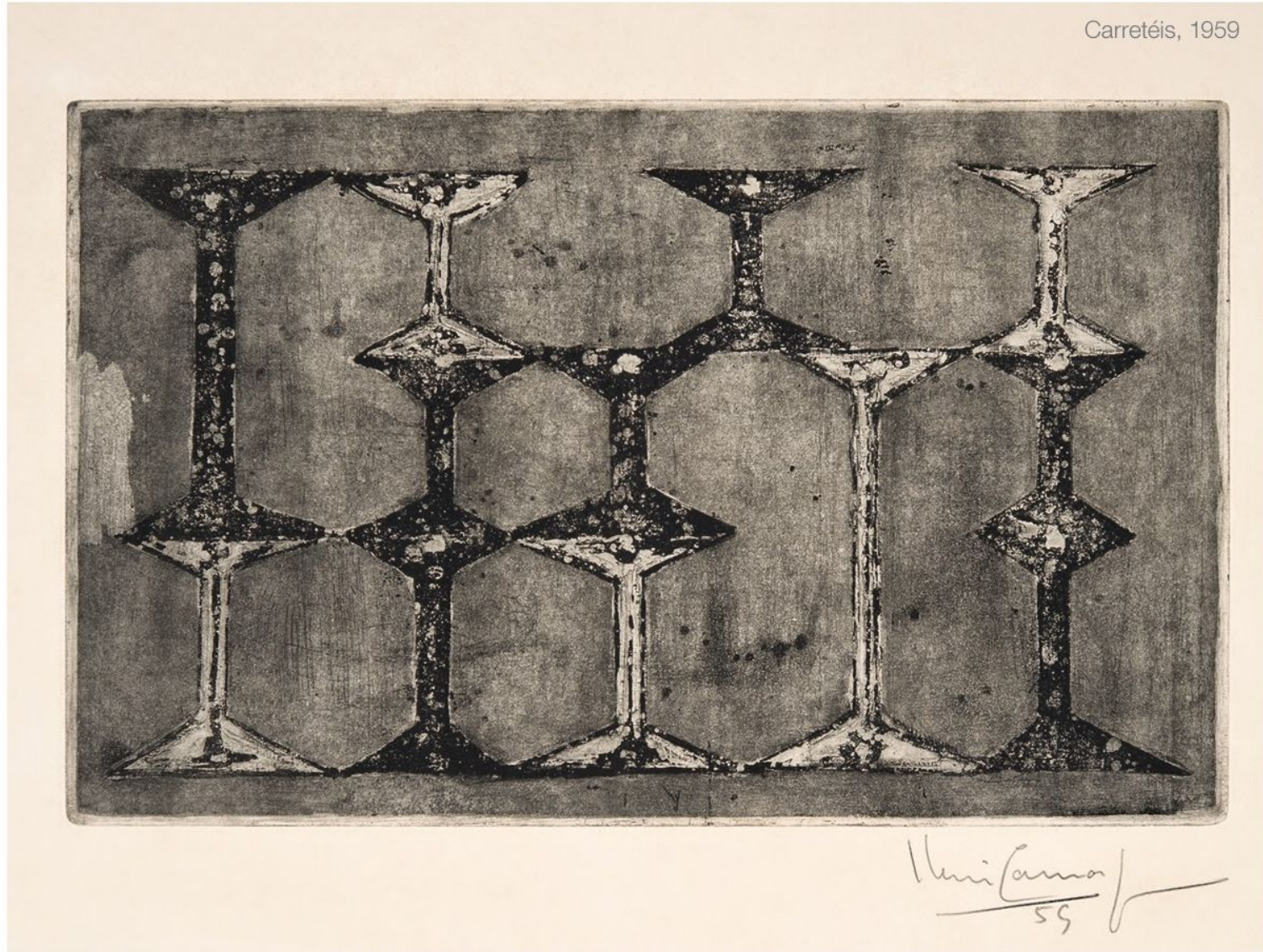
Fundou em 1953 o curso de gravura do Instituto Municipal de Belas Artes do Rio de Janeiro, hoje Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Entre seus alunos encontram-se artistas como Regina Silveira, Eduardo Sued, Carlos Vergara e Carlos Zilio.

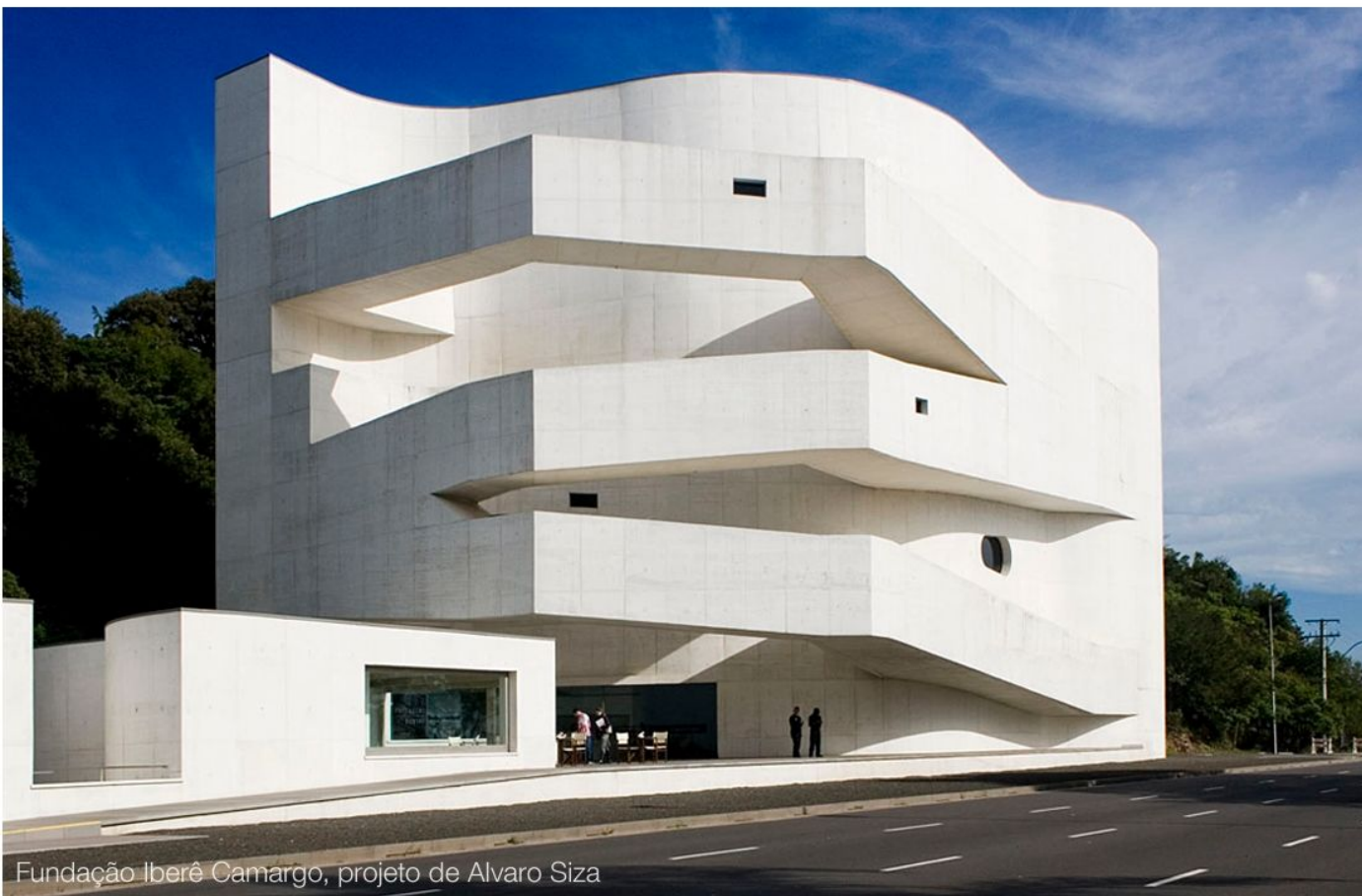
“Arte, para mim, foi sempre uma obsessão. Nunca toquei a vida com a ponta dos dedos. Tudo o que fiz, fiz sempre com paixão.”

Iberê Camargo



A partir de 1958, devido a limitações físicas provocadas por uma hérnia de disco, Iberê trocou o desenho e a pintura ao ar livre pelo trabalho no ateliê. Acentuou-se então a tendência ao escurecimento de sua paleta e a dedicação a temas ligados ao ambiente de estúdio. Deixou de procurar a rítmica das cores nas paisagens e passou a se interessar pela disposição dos objetos em naturezas-mortas. Progressivamente um pequeno objeto, utilizado por Iberê como brinquedo em sua infância, tomou conta das telas: o carretel. A pintura dos carretéis, a princípio, compunha uma série de naturezas-mortas. O artista distribuía os objetos na mesa, representando-os de forma figurativa. Com o tempo, eles perderam sua função representativa e se tornaram formas espessas de tinta. Era o início de seu trabalho abstrato, no qual engrossou ainda mais a massa de tinta e incorporou mais cores. Um aspecto mais gestual deu origem aos trabalhos feitos a partir dos anos 60, bastante próximos da abstração informal, que se tornaram conhecidos como Núcleos, Estruturas e Desdobramentos.





Fundação Iberê Camargo, projeto de Alvaro Siza

Teve sua obra reverenciada em exposições de renome internacional como as Bienais de São Paulo, Veneza, Tóquio e Madri, integrando inúmeras mostras no Brasil e em países como França, Inglaterra, Estados Unidos, Escócia, Espanha e Itália.

Em agosto de 1994 Iberê Camargo faleceu, aos 79 anos, em decorrência de câncer no pulmão, legando um grande acervo de mais de 5 mil obras. Grande parte desta produção foi deixada a Maria, cuja coleção compõe hoje o Acervo da Fundação Iberê Camargo. A sede da Fundação, inaugurada em 2008, foi projetada por Álvaro Siza, um dos arquitetos contemporâneos mais importantes do mundo. O projeto recebeu o Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza (2002) e Mérito Especial da Trienal de Design de Milão, entre outros prêmios.

A Fundação Iberê Camargo prepara seis exposições inéditas ao longo deste ano para comemorar a data. Em novembro todos os andares do prédio serão ocupados por uma mostra que trata da influência do pintor na arte contemporânea nacional.



As idiotas, 1991

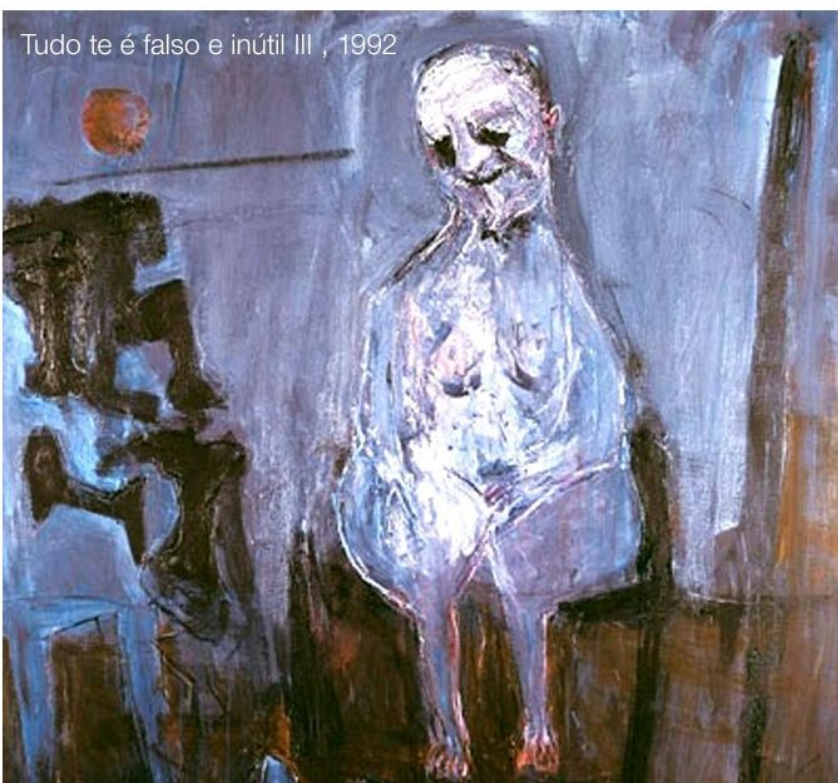
Em São Paulo o Centro Cultural Banco do Brasil mostra até o dia 7 de julho a exposição "Um Trágico nos Trópicos", que apresenta mais de 140 obras (sendo aproximadamente 55 pinturas, 80 desenhos e gravuras e mais de 10 matrizes de gravura). Há obras da Fundação do artista, de coleções particulares e até mesmo de museus brasileiros. A curadoria é de Luiz Camillo Osório - crítico, professor de história da arte e curador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

A exposição tem início do 4º andar, onde uma pequena retrospectiva situa os temas do artista – as paisagens dos anos 40, as naturezas-mortas dos anos 50, os carretéis e a abstração dos anos 60 e 70 e os Ciclistas e Idiotas dos anos 80 e 90.



Ciclistas. 1989

Descendo ao 3º andar o foco está na última fase. Estão ali as monumentais telas das derradeiras séries "As Idiotas", "No Vento e na Terra", "Crepúsculo na Boca do Monte" (todas de 1991) e "Tudo Te É Falso e Inútil" (1992). Reunidas e confrontadas, essas pinturas, habitadas por figuras fantasmagóricas e dotadas de forte carga sombria, parecem lançar o espectador para dentro das paisagens desoladoras. O conjunto forma, nas palavras do curador, uma síntese do drama melancólico de Iberê. "Essa fase final de Iberê sintetiza o que chamo de dimensão trágica e resume a coerência interna na obra dele.



É quando a escala da pintura é exponencializada e a temática se volta ao embate com a finitude, a proximidade da morte". Impressionam a força física e espiritual do artista que, perto dos 80 anos, pintou telas tão grandes, com tal intensidade e vigor. A idade parece ter lhe dado mais forças e coragem para enfrentar uma escala maior, com dimensão trágica. Mas esta dimensão não tem tonalidade negativa, vem por conta do vigor da pintura, da matéria pictórica sempre exaltada e poderosa.

“ Não há um ideal de beleza, mas o ideal de uma verdade pungente e sofrida que é a minha vida, é tua vida, é nossa vida, nesse caminhar no mundo.

Iberê Camargo

No 2º andar há a passagem das obras dos anos 60, com as Fiadas e os Carretéis (em que o destaque é a série soturna em que Iberê aboliu a cor e com a qual ganhou o prêmio de pintura na Bienal de SP de 1961), para as telas dos anos 70/80 em que começam a aparecer insinuações mais figurativas.

O subsolo abriga a produção gráfica - gravuras, guaches, nanquins, desenhos, estudos, matrizes de gravuras, toda uma produção que acompanhou paralelamente a pintura do começo ao fim, sendo o lado mais intimista da obra.

Esboços e estudos com indicações de cor e composições anotadas a lápis deixam claro que Iberê não pintava ao acaso. Havia planejamento e um pensamento anterior às figuras que depois o artista construiria na tela em uma quase performance, marcada por gestos espontâneos e pelo acúmulo e retirada de grandes camadas de tinta, no seu processo experimental de construir e desconstruir a imagem.





A exposição é acompanhada do lançamento de um catálogo inédito, com textos e conversas de Iberê com algumas personalidades, como Clarice Lispector, Jorge Guinle, Flávio Aquino, entre outros.

O centenário de nascimento do artista gaúcho será comemorado ainda com exposições em três instituições na Itália, em 2015. O Museu Marino Marini, de Florença, recebe o conjunto de obras da produção gráfica de Iberê; a Galeria de Arte Moderna do Palácio Pitti, também em Florença, enfatizará a obra da década de 1960; e a terceira exposição será apresentada no Museu Morandi, em Bolonha, mostrando as relações entre a produção de Iberê e a do mestre Giorgio Morandi.